

O POVO 20.4.66 AUSENTE

Rubem Braga

PESSOA que chega de Vitória me diz ter ficado impressionada com a frieza popular na inauguração do porto do Tubarão. Em uma cidade como Vitória, junto a qual se inaugura o maior porto de minério de ferro do mundo, seria normal que houvesse grandes festejos populares. Não houve nada. Os convites expedidos para a solenidade de inauguração foram muito poucos. Basta dizer que a Câmara Municipal recebeu apenas um, que por isso mesmo, por ser apenas um, não foi aceito. Ninguém viu o marechal Castelo Branco; o presidente foi do aeroporto diretamente ao local, onde não discursou, e logo pegou seu seu avião de volta.

O mesmo aconteceu — contam os jornais — na comemoração do 25º aniversário da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. É verdade que ali o presidente falou. Mas o povo não esteve presente, a cidade assistiu apática o que deveria ser a grande festa.

Tanto em um caso como em outro o momento era para congregar todas as classes sociais em torno de acontecimentos históricos, em fazer a comunidade consciente da importância nacional do que se festejava, e buscar, na vibração coletiva, estímulos novos para o trabalho e o progresso. Não. O governo desdenhou da participação popular, e o povo ficou distante e frio, ausente.

Essa ausência do povo é a característica mais marcante do regime em que vivemos. O povo não é convidado para nada, muito menos para deliberar sobre o próprio destino. Em um país novo, que necessitaria, na arancada para o desenvolvimento, do concurso e do entusiasmo de todas as suas forças vivas, o governo ignora o povo, e tranca-se em seus gabinetes para ouvir o conselho dos tecnocratas fabricantes de leis e de frases. Agora mesmo o ministro Roberto Campos declarou, com visível satisfação, que não existe aflição econômica e sim aflição financeira. Dito isto, fez um trocadilho em grego, e foi passear de iate; é óbvio que para ele não existe aflição alguma...